

A MONOTONGAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM PANORAMA SOCIOLINGÜÍSTICO

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

sierra@uems.br

RESUMO

É por meio da língua que um indivíduo se comunica com outro, ou seja, como uma forma de interação entre os falantes e a sociedade em que os mesmos estão. A área que se preocupa com as questões entre língua e sociedade é a chamada sociolinguística, que nada mais é do que uma das vertentes teóricas da linguística. A sociolinguística estuda a língua em sua comunidade de fala, inclusive sua diversidade. Essa área de estudo nasce com questionamentos de Antoine Meillet, um dos discípulos de Saussure, sobre o fato social da linguagem. (CALVET, 2002, p. 13). Nesse sentido também temos os estudos de Bright (1966), pesquisador que também contribuiu muito para o nascimento dessa vertente. Os estudos de Meillet e Bright não foram o suficiente para os estudos da sociolinguística, pois ainda existia algumas lacunas que ainda precisavam ser preenchidas. Logo, são a partir das pesquisas de Labov (1966; 1972), influenciado por Meillet, que as questões passaram a ficar mais claras. Nessa perspectiva de compreender a língua em sua comunidade de fala que o objeto de estudo desse artigo tem por intenção apresentar o caso da monotongação na oralidade.

Palavras-chave: Linguística. Sociolinguística. Monotongação.

1. Introdução

A pesquisa sociolinguística nasce com alguns questionamentos feitos Meillet (1906), um dos discípulos de Saussure. A partir de seus artigos publicados a respeito do assunto foi Labov (1966, 1972), mais tarde, que retoma esses estudos tornando-se assim um dos precursores dos estudos sociolinguísticos. Ainda hoje Labov serve de base teórica para esse tipo de pesquisa, ou seja, “seus trabalho são referências importantes.” (MAY, 2011, p. 33)

Logo, é de valia dizer que no Brasil há pesquisadores de renome, entre eles está Tarallo (1951-1992). O mesmo é uma das referências teóricas que utilizamos na pesquisa proposta para o presente artigo. Pois Tarallo retoma a questão e contribuição de Labov e traz a aplicação da teoria ao cotidiano da pesquisa.

Nesse sentido Monteiro (2000, p. 16-17) nos diz que “a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante constituem uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade” e que “a própria língua acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço”.

Dessa forma explica-se os eventos de variação e de mudança linguística. Ou seja, quando falamos de variação e mudança linguística é importante dizer que a variação são as modificações que acontece em todas as línguas, que pode ser por causa das influências histórias, geográficas, sociais e etc. “A variação linguística é um fenômeno normal, que, por manifestar-se de várias formas, leva os estudiosos a falar em variação diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica.” (ILARI, 2009, p. 151-152). E a mudança acontece quando o falante opta por uma das variações e deixa de utilizar a outra, utilizamos como exemplo o pronome de tratamento *vossa mercê*, que passou a ser *vosmecê* e tornou-se *você*. Na citação abaixo Nazário nos explica um pouco mais sobre variação linguística e mudança linguística, vejamos:

A variação linguística é um processo inerente a toda língua natural que pode levar ou não a uma mudança linguística [...] o processo de variação e mudança pode ser explicado através de estágios de variação. Num primeiro estágio, surge a variação entre duas entidades linguísticas; no segundo estágio, essa variação pode ser imitada e difundida de modo que formas novas convivam com formas antigas da língua (por exemplo, meu pai x o meu pai; eu o vi x eu vi ele; nós x a gente); num terceiro e último estágio, uma das duas formas desaparece, concluindo a regularidade do sistema. (NAZÁRIO, 2011, p. 334)

Compreendemos que existem várias pesquisas sociolinguísticas, algumas se atentam ao estado de variação de marcação do plural, por exemplo: a) Os prato estão sujo; ao invés de b) Os pratos estão sujos. Bem, o que se quer exemplificar é que para a pesquisa sociolinguística é importante verificar essas mudanças na fala. Mollica (2010, p. 11) explica que “cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos e prever seu comportamento regular e sistemático”.

Nesse caso, entende-se que o fenômeno da monotongação pode ser estudado sociolinguisticamente. Por isso o presente artigo estuda o fenômeno da monotongação na oralidade.

2. A pesquisa sociolinguística

Começamos esse tópico com breves considerações sobre o que é a sociolinguística para depois falar um pouco sobre os seus teóricos. A área da linguística sofre mudanças de grande significação em meados do século XX. Em outras palavras foi nesse momento que ocorreu o que denominamos de virada pragmática, que nada mais é o momento em que os estudos linguísticos passaram a se interessar também pelo uso da língua, e não somente pela sistema da língua em si. “A partir daí surgem diversos campos de investigação que promovem uma relação interdisciplinar. A linguística, então passa a articular com outras ciências como filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a neurociência etc.” (PEREIRA; GOMES, 2013, p. 109)

Assim, como a análise do discurso e a semiótica, por exemplo, a sociolinguística é um dos ramos de estudos da linguística. É ela que estuda a língua no seio da comunidade de fala. Dessa forma,

Sociolinguística é definida como o ramo da linguística que estuda a língua em uso das comunidades de fala, na sociedade: daí o prefixo *sócio*. Mas, qual é mesmo a relação entre língua e sociedade? Se pensarmos bem, veremos que há uma relação intrínseca entre as duas. A língua não serve apenas para que possamos transmitir ou receber informações; ela serve para estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas. (SILVA, 2009, p. 18)

Ao se aprofundar nos estudos sociolinguísticos compreendemos que a sociolinguística vai considerar em especial como objeto de estudo o fenômeno da variação, ou seja, essa ciência vai entender a variação como um princípio geral e universal, com possibilidade de ser descrita e analisada cientificamente. A ciência em questão parte da compreensão de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Lembrando que esses mesmos fatores também são referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis. (MOLLICA, 2004, p. 09-10)

Calvet (2002, p. 12) nos diz: “Ora, as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes.”. Dessa forma fica mais compreensível que a falante tem uma íntima relação com o sua língua. A língua de fato é utilizado para expressar o que as pessoas pensam em seu cotidiano, só que em meio a essa relação ela se adapta a história de seus falantes, ou seja, quando o seu falante em uma conversa começa a articular as palavras, além de revelar as suas ideias para o outro, ele também revela a sua identidade. Podemos perce-

ber pela fala o grau de escolaridade, a tribo a qual pertence, o sexo... Em suma, pela língua podemos conseguir compreender o conjunto de características de quais podemos distinguir as pessoas.

Para melhor exemplificar as ideias do parágrafo anterior nos apropriaremos aqui das palavras de Leite e Callou (2010, p. 16) de que “o domínio de um português padrão é privilégio reservado a poucos membros de uma elite econômico-social que, assim, assegura o seu poder e sua primazia político-cultural.”. O que as autoras disseram vem de encontro com o nosso entendimento de que por meio da fala de qualquer indivíduo saberemos o local de onde o mesmo fala. Se é de uma classe social mais prestigiada, se possui um domínio cultural e assim por diante.

Agora veremos a questão dos teóricos dessa ciência que nos permite chegar tão próximo daquilo que somos.

2.1. Meillet, William Bright e Labov

Como já mencionado, essa ciência estuda a língua em sua comunidade de fala e lida basicamente com o fenômeno da variação. Temos que voltar ao passado a fim de retornar as importantes contribuições de seus precursores.

Começamos, então, por Meillet. “O linguista francês Antoine Meillet (1866-1936) insistiu em numerosos textos no caráter social da língua, ou a definiu preferentemente como um fato social.” (CALVET, 2002, p. 13). Meillet que era um dos discípulos de Saussure aprofundou nas ideias dos mesmos, “pois buscou explicar fenômenos linguísticos por meio de fatores históricos e sociais.” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 124)

Meillet fez uma resenha sobre o *Curso de Linguística Geral*. Na resenha ele diz “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz uma abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET, *apud* CALVET, 2002, p. 14). Meillet entrava em conflito com uma das dicotomias de Saussure, a que distinguia sincronia e diacronia. Sobre esse conflito Calvet (2002, p. 15) nos diz:

Contradição porque a afirmação do caráter social da língua que se verifica em toda a obra de Meillet implica ao mesmo tempo a convergência de uma abordagem *interna* e de uma abordagem *externa* dos fatos da língua e de uma abordagem *sincrônica* e *diacrônica* desses mesmos fatos.

Posições, estudos e ideias de Meillet serviram de base para Labov, entre uma delas está presente a seguinte: “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social.”. (MEILLET *apud* CALVET, 2002, p. 16)

Nessa perspectiva Labov resgatou essa ideia em seus estudos de pesquisa e aprofundou os seus estudos sociolinguísticos e veio a ser um dos precursores da ciência que está em foco nesse artigo.

Antes de se aprofundar em Labov e Tarallo, não podemos esquecer de mencionar Willian Bright, que também contribuiu para o nascimento da Sociolinguística. Foi por uma iniciativa dele que em 1964 que “25 pesquisadores se reuniram em Los Angeles, para uma conferência sobre a sociolinguística.”. (CALVET, 2002, p. 28)

Essa conferência foi um importante meio de divulgação para as pesquisas sociolinguísticas. Bright ressaltava que era um trabalho que precisava de muito esmero e que era árduo tentar definir a sociolinguística, mas mesmo assim tentou definir a sociolinguística, o mesmo disse: “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais.” (BRIGHT *apud* CALVET, 2002, p. 29)

Meillet e Bright não conseguiram ser suficientes em seus estudos quando se refere a sociolinguística. Em outras palavras, ainda existia em suas pesquisas algumas lacunas que precisavam ser completadas. São a partir das pesquisas de Labov que as questões inerentes a sociolinguística começam a ficar mais claras, por assim dizer. Tarallo nos diz que:

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, Willian Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. (TARALLO, 2007, p. 07)

É importante enfatizar que não estamos dizendo que os pesquisadores já mencionados, Meillet e Bright, não tivessem considerado essa relação entre a língua e a sociedade, e sim que foi Labov que retomou as ideias iniciais.

Labov, em sua pesquisa, analisou o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, em 1963, no estado de Massachusetts. Ele levou em consideração as variações da língua em determinados locais. Muitas outras pesquisas foram feitas a partir dos estudos de Labov. Para complementar

essa ideia Tarallo (1999, p. 07) nos diz que “[...] vários outros se seguiram: estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966); a língua do gueto: estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros de Harlem, Nova Iorque, e estudos Sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros.”. Logo, é perceptível que a partir das pesquisas de Labov muitas outras se desdobraram.

E quando se fala de uma referência de pesquisador sociolinguista no Brasil, temos Tarallo, que “[...] faleceu muito jovem, aos 41 anos, em 1992, mas isso não o impediu de deixar seu legado e as pesquisas sociolinguísticas realizadas nas últimas duas décadas só ratificam essa reflexão.”. (JOSÉ DE SÁ, 2014, p. 117). Além de utilizarmos as contribuições de Labov em nossas pesquisas sociolinguísticas, também utilizamos a de Tarallo. O mesmo aprofundou os seus estudos na chamada sociolinguística quantitativa.

Compreendemos, que o Brasil possui uma grande extensão geográfica e claro que acontecerá as variações linguísticas e as mudanças linguísticas. E frente dessa breve síntese realizada a respeito da pesquisa sociolinguística estudaremos o caso da monotongação.

3. O caso da monotongação no português do Brasil

Nesse tópico falaremos sobre o caso da monotongação. Visto que o monotongo é uma vogal que não muda sensivelmente de timbre no curso de sua emissão. Ocorre em oposição aos ditongos. Dessa forma chama-se monotongação a passagem de um ditongo ou de um tritongo a um monotongo. (DUBOIS et al., 2011, p. 418)

Dessa forma, visto que a glide tende a desaparecer na oralidade do português. Demonstraremos⁴⁰ em ordem cronológica alguns estudos do fenômeno da monotongação dos ditongos. Vejamos:

Mota (1986) estudou a variação do ditongo [ej] em Ribeirópolis (Sergipe). Ribeiro (1990) estudou o apagamento dos glides [j] e [w] em ditongos decrescentes orais a fala do Sudoeste do Paraná. Paiva (1996) analisou a monotongação variável de [ej] e [ow] na fala da cidade do Rio de Janeiro. Araújo (1999) pesquisou o comportamento variável do ditongo /ey/ na comunidade de Caxias (MA). Aragão (2000) descreveu a regra

⁴⁰ Essas informações foram retiradas da dissertação Toledo (2011, p. 37)

de monotongação na com unidade de Fortaleza (CE). Lopes (2002) investigou a regra de redução dos ditongos /ow/ e /ey/ na comunidade de Altamira (PA). Pereira (2004) analisou a monotongação dos ditongos /ay/, /ey/ e /ow/ na comunidade de falantes de Tubarão (SC). Carvalho (2007) descreveu o comportamento variável dos ditongos /ay/, /ey/, /oy/, /aw/, /ew/ e /ow/ na comunidade de Recife.

4. Palavras finais

A sociolinguística é uma vertente da linguística que nos permite estudar a língua dentro da comunidade do seu falante. É por meio da língua que o falante exprime seus sentimentos e ideias, e no cotidiano as pessoas conversam sobre os mais diversos temas e a fala tem de acompanhar seus pensamentos, ocasionando assim alguns desvios da norma padrão.

Dessa forma, com a exposição dos estudos de monotongação no Brasil, vemos que os estudos do fenômeno na língua portuguesa do Brasil se torna cada vez mais crescente, pois na oralidade fica cada vez mais presente o apagamento da vogal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. *Graphos*, João Pessoa, vol. V, n. 1, p. 109-122, 2000. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>>. Acesso em: 17-06-2014.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Sociolinguística*. Letras libras. João Pessoa: UFPB. 2010.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CRISTOFOLINI, Carla. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. *Revista da ABRALIN*, vol. 10, n. 1, p. 205-229, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-10-n-1/carla-cristofolini1.pdf>>. Acesso em: 09-06-2014.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2011.

ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MAY, Guilherme Henrique. *Labov e o fato social*. 2011. Dissertação (de mestrado). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94780/294411.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12-06-2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: ____; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 09-14.

MONTEIRO, José Lemos. A concepção de língua. In: _____. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 13-20.

NAZÁRIO, Maria de Lurdes. Variação e mudança linguística: a emergência do artigo definido na língua latina. *Revista de Linguística e Teoria Literária*. Anápolis, vol. 03, n. 02, p. 333-344, 2011. Disponível em:

<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vol_3_num_2/Vol_3-2_9_NAZARIO_Variacao_mudanca_latim.pdf>. Acesso em: 12-06-2014.

OLIVEIRA, Letícia Reis de et al. A pesquisa sociolinguística nas línguas indígenas brasileiras. *Web-Revista Sociodialeto*, vol. 04, p. 122-133, 2014. Disponível em:

<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014021653.pdf>>. Acesso em: 16-06-2014.

PEREIRA, Soraia Aparecida Roques; GOMES, Nataniel dos Santos. A sociolinguística no livro didático leitura do mundo. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 19, n. 55, p. 108-117. jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/010.pdf>>.

Acesso em: 16-06-2014.

SÁ, Edmilson José de. A pesquisa sociolinguística e a seleção de informantes: o que sugere Fernando Tarallo? *Web-Revista Sociodialeto*, vol. 04, p. 108-121, 2014. Disponível em:

<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014021408.pdf>>. Acesso em: 16-06-2014.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *A sociolinguística e a língua materna*. Curitiba: Ipbex, 2009.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39409/000824264.pdf?...1>>. Acesso em: 17-07-2014.